

---

## Resenhas Bibliográficas

---

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA ÁREA DE GESTÃO EM SAÚDE: TEORIA E PRÁTICA.** Neusa Rolita Cavedon (Org.). Porto Alegre: Dacasa, 2005. 109 p. ISSN 85-86072-66-4.

por Thiago Duarte Pimentel (NEOS/CEPEAD/UFGM)

O estudo das representações sociais tem ganhado ênfase por parte de pesquisadores brasileiros que buscam arcabouço teórico sólido e consistente para a investigação qualitativa de fenômenos organizacionais de forma contextualizada, descritiva e reveladora de significados subjetivos, significados estes que, muitas vezes, não podem ser captados e/ou explicados pelas abordagens científicas tradicionais. Um exemplo dessa ênfase é a recente obra da professora e pesquisadora Neusa Rolita Cavedon e seus colaboradores.

O livro tem como eixo temático a gestão em saúde e reúne oito artigos, um teórico e os demais empíricos; estes abordam distintas representações sociais construídas tanto pelos profissionais da área de saúde, quanto pelos pacientes, versando diferentes temas, como o trabalho, os locais de trabalho, as práticas sociais e até abstrações, como a morte. Tais representações procuram revelar um conjunto de conhecimentos social e culturalmente construídos pela interação de indivíduos e grupos sociais. Assim, estes conhecimentos se encontram historicamente relacionados com contexto de produção, reprodução e manifestação de práticas sociais diárias e de suas representações, podendo, portanto, ser considerados como “saberes sociais” compartilhados (Cavedon, 2005).

No primeiro capítulo, discute-se a questão da alteridade, em que se defende a necessidade de se conhecer o “Outro”, bem como as interações e práticas sociais cujos significados poderiam ser compreendidos por meio do estudo das representações sociais. Essas representações, estudadas a partir da psicologia social, teriam o papel de entrelaçar as duas dimensões dos seres humanos – a social e a individual – com intuito de aumentar o potencial explicativo do homem sobre si mesmo e suas construções sociais. Assim, o estudo das representações sociais e de seus significados contribuiria para aumentar o entendimento sobre o “Outro” e, conseqüentemente, sobre a complexidade do mundo contemporâneo. Contudo o texto, que embasa uma série de artigos empíricos, deixa de explorar importantes contribuições da própria psicologia social, como os processos de

---

objetivação e ancoragem (Moscovici, 1961), que permitem compreender o funcionamento das representações e, logo, o da construção de significados pelos sujeitos sociais e para eles.

O segundo capítulo traz uma discussão das representações sociais de uma equipe de enfermagem sobre o seu trabalho, a partir de uma análise qualitativa de categorias temáticas, como rotina, o local de trabalho, os superiores, entre outras. O texto, ao estabelecer uma relação contextual entre o estudo e as representações sociais, evidencia como tal questão contribui para o entendimento delas. Entretanto o pouco aprofundamento na discussão das categorias analisadas e seu relacionamento com a teoria surgem como uma das limitações do trabalho.

Já no terceiro capítulo são estudadas as representações sociais construídas pela equipe de enfermeiras a respeito da equipe de farmácia do mesmo hospital. Desta vez, são analisadas representações acerca do medicamento como um símbolo, da dosagem correta, do modo de dosagem unitária, do processo de dispensação, da morosidade da farmácia etc. Aponta-se a diferença de rotina entre os dois grupos como um fator que propicia a diferença de interpretações de cada grupo a respeito de seu trabalho, bem como da forma de se relacionar com os outros. Tal caminho leva a certa resistência de um grupo para com o outro, em virtude do medo da perda de sua autonomia. Contudo, deve-se atentar para o fato de que as diferenças culturais, inclusive as de formação profissional, devem ser levadas em conta como fatores que propiciam uma diferença de *background*, e por isso influem na visão de mundo dos sujeitos, levando-os a construírem diferentes modos de interpretação da realidade que os cerca.

O quarto capítulo analisa as representações sociais que os cirurgiões dentistas constroem a respeito do tempo e da aposentadoria, enfocando a aposentadoria como uma época de escassez de recursos e insegurança, e o passar do tempo como um processo de amadurecimento. Ao definir e explicitar o método de análise utilizado – análise do conteúdo – o texto adquire maior rigor científico, o que se reflete também em uma associação mais estreita entre o material analisado e a teoria.

O quinto capítulo trata das representações sociais sobre a saúde bucal. Sua contribuição reside no fato de apresentar as diferenças e similitudes das representações construídas por diferentes grupos sociais – os pacientes: crianças, jovens, adultos e idosos; e os trabalhadores da equipe de um posto de saúde dos SUS, tanto os que moram no mesmo bairro que os pacientes, quanto os que residem em outros bairros. As representações analisadas apontam uma disseminação do conhecimento científico por meio do discurso entre os leigos, embora isso não implique, necessariamente, mudança de práticas sociais. Isso

---

sugere que as representações necessitam de tempo para sofrerem re-significações por parte dos indivíduos.

O sexto capítulo evidencia o significado do trabalho para os servidores públicos da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, a partir das representações sociais do trabalho como fonte de subsistência, do serviço público como não-trabalho e outras percepções em que se verificam os pontos positivos e negativos do trabalho público, a partir da visão dos trabalhadores. Os autores concluem que os servidores vão além de seus estereótipos, o que evidencia que, apesar da criação e veiculação de uma determinada imagem para se remeter a um conjunto de práticas sociais, estas não necessariamente correspondem àquelas imagens. Apesar disso, os autores admitam que deva haver uma espécie de “matriz” que permita a criação e perpetuação de tais representações.

O sétimo capítulo apresenta as representações sociais dos auditores médicos do SUS a respeito das práticas médicas e das práticas de auditoria, evidenciando a ambigüidade enfrentada por eles diante da sobreposição de papéis de médico e de auditor. Ao revelar que o consultório de auditoria possui significados de um espaço de prática médica e também de fiscalização, observa-se que essa dualidade de representações revela as tensões da prática médica no contexto assinalado e o conflito entre tal prática com a de servidor público. Assim, sugere-se no texto a necessidade de equipes interdisciplinares para a execução dos processos de auditoria como mitigação daquelas ambigüidades.

O oitavo e último capítulo mostra as representações dos médicos hematologistas e oncologistas a respeito de diversos temas: como a morte, que na sociedade moderna não é vista como natural mas como a perda de um ser produtivo; o câncer, que é visto como uma metáfora de morte física e social; assim como o progresso da medicina como uma técnica e um saber criado para distanciar a morte e que, em última instância, representaria um constante desafio. O texto desvenda como as representações sociais orientam a prática médica, ao promover o conhecimento científico como meio de ação, ou prática social, em relação ao desafio representado pela morte.

Ao lançar luzes sobre questões importantes e complexas, como a gestão do trabalho em instituições de saúde, como, por exemplo, o Sistema Único de Saúde, e a importância do entendimento, por parte dos gestores, das representações sociais dos indivíduos e grupos sociais - uma vez que elas se vinculam aos aspectos simbólicos, cognitivos e afetivos (Guareschi & Jovchelovitch, 1995) e traduzem os diferentes significados que as situações cotidianas têm para o conjunto de pessoas que as vivenciam diariamente - o livro salienta a contribuição, não apenas teórica, mas também, e sobretudo, empírica que tal quadro de referência conceitual pode

---

trazer tanto para as áreas de ciências das organizações, quanto para as da saúde.

Segundo Bordin (2005, p. 7), “[...] um dos desafios de estudo das representações sociais: [é] compreender os mecanismos de transferência dos saberes de uma esfera social para outra, bem como das estratégias de comunicabilidade com outros saberes”. Assim, pode-se pensar que as representações sociais operam por meio do sistema conceitual metafórico, senão for dele derivado, uma vez que sua tarefa consiste, justamente, na transposição de domínios conceituais de um campo do saber para outro. É por meio desta operação que se constrói o significado (metafórico) que ativa e age por meio de estratégias de comunicação (Zanotto, 1998) e ao fazê-las é que permitem a circulação/veiculação de determinados conhecimentos ou saberes sociais.

Assim, entender as representações sociais pode ser tido como um caminho para entender as diferentes significações que determinados grupos sociais constroem a respeito de um ou vários objetos sociais. No limite, tal compreensão sobre o universo simbólico dos grupos sociais – universo este que traduz as regras, valores e crenças que norteiam o comportamento dos indivíduos e permitem que eles se interajam com os outros - permitiria intervir na realidade social de tais grupos a fim de satisfazer-lhes seus desejos, aspirações e necessidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bordin, R. (2005).

Apresentação. In N. R. Cavedon (Org.). *Representações sociais na área de gestão em saúde: teoria e prática* (p. 7). Porto Alegre: Dacasa.

Cavedon, N. R. (2005). (Org.).

*Representações sociais na área de gestão em saúde: teoria e prática* (p. 109). Porto Alegre: Dacasa.

Guareschi, P. A., &

Jovchelovitch, S (1995).

Introdução. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.). *Textos em representações sociais* (2a ed., pp. 7-16). Petrópolis, RJ: Vozes.

Moscovici, S. (1961).

*La Psychanalyse son image e son public: étude sur la représentation de la psychanalyse*. (1re éd., 4e trim. 1960, pp. 294-350, Chap. 10 – Dynamique des représentations sociales). Paris: Presses Universitaires de France.

Zanotto, M. S. T. (1998).

Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. In V. L. M. de O. Paiva (Org.). *Metáforas do cotidiano* (pp. 13-38). Belo Horizonte, MG: Núcleo de Análise do Discurso (FALE/UFMG).